



O LEVANTE PORNOSSEXUALIGRÁFICO

THE PORNOSEXUALIGRAPHIC UPRISING

Christian Gustavo de Sousa¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

A partir da ideia de levante trazido por Didi-Huberman, Judith Butler e Antonio Negri no livro *Levantes* (2017), o autor pensa, tendo o seu conceito de Pornossexualigrafia, criado durante o mestrado, como pano de fundo, a construção de um levante pornossexualigráfico como caminho para romper com as estruturas do CIS-tema de arte e se utiliza dos nove pontos conceituais pornossexualigráficos para traçar este levante e, nos entremeios, traz os registros da ação performática *Para A.G. e mais* (2022), de sua autoria e realizada durante a Parada do Orgulho, na avenida Paulista e nesta relação teoria e poética artísticas, ele pergunta: o que fazer quando sobre as artes das sexualidades reina o conservadorismo?

PALAVRAS-CHAVE

Levantes. Pornossexualigrafia. Ação performática. Artes. Sexualidade.

ABSTRACT

Based on the idea of an uprising brought up by Didi-Huberman, Judith Butler and Antonio Negri in the book Levantes (2017), the author thinks, with his concept of Pornosexualigraphy, created during his master's degree, as a backdrop, about the construction of a pornossexualigraphic uprising as a way to break with the structures of the CIS-tem of art and uses the nine pornossexualigraphic conceptual points to trace this uprising and, in between, brings the records of the performative action Para A. G. e mais (2022), carried out during the Pride Parade on Paulista Avenue. In this relationship between artistic theory and poetics, he asks: what can be done when conservatism reigns over the arts of sexuality?

KEYWORDS

Uprising. Pornosexualigraphy. Performative action. Arts. Sexuality.

Vejo aquele piano branco, surreal no meio do terreno baldio do campo, como o símbolo derrisório das nossas boas consciências artísticas: branco como as paredes de uma galeria de arte, ele apenas evoca o contraste pelo qual, de coração aflito, vemos, tanto em Idomeni quanto em outros lugares, os tempos sombrios pesarem sobre nossas vidas contemporâneas. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 14).



O que fazer quando reina o conservadorismo?



Imagem 1. Chris, The Red. Para A.G. e mais. Ação performática, São Paulo/SP, 2022.
Registro: Bruno Novadvorski.

As palavras que abrem este texto são de Georges Didi-Huberman, na introdução do livro-catálogo *Levantes* (2017), organizado por ele e que traz textos de Judith Butler, Antonio Negri, Jacques Rancière entre outras pessoas pensadoras contemporâneas. A publicação é resultado da exposição homônima, realizada no SESC Pinheiros, entre 18 de outubro de 2017 a 28 de janeiro de 2018 e com curadoria também de Didi-Huberman.

O artigo que aqui apresento é uma reflexão – ou melhor, uma conversa – a partir da leitura desta obra organizada por Huberman sobre o levante com a minha própria produção poética e, ao longo deste texto, as imagens da ação performática *Para A.G. e mais* (2022)² (Figuras 1 a 6), de minha autoria, atravessarão as palavras para pensar



o levante no campo das artes a partir do conceito de Pornossexualigrafia (DE SOUSA, 2022) que tenho pensado deste o mestrado e que continuo agora no doutorado.

Nesse mesmo texto, Huberman pergunta: “o que fazer quando reina a obscuridade?” (2017, p. 14). Assim, pergunto: o que fazer quando sobre as artes das sexualidades reina o conservadorismo, a ideia higiênica perpetuada pelo CIS-tema de arte de que há uma arte erótica e o que não é aceito dentro desta é o excluído, o pornográfico, a não-arte. O que fazer? Huberman afirma que não há mais o que esperar onde a obscuridade tomou conta a não ser submeter-se ao obscurantismo, o que ele chama de “pulsão de morte: a morte do desejo” (2017, p. 14). Eu prefiro pensar o contrário, que sim, mesmo nos espaços onde o conservadorismo reina, ainda podemos agir, não esperar, mas fazer movimentar. Quando se é um artista como eu que traz para si as questões das sexualidades na arte, nós já não temos o privilégio de “esperar, dobrar-se, aceitar” (2017, p. 14), ou já entramos com a consciência da luta ou seremos engolidos. Quando se trata de um levante artístico da sexualidade, quero pensar os caminhos para um outro levante, um levante pornossexualigráfico.

Voltando a *Para A.G. e mais*, ela foi realizada na avenida Paulista durante a parada do orgulho de 2022, em São Paulo (SP). A “A.G.” do título é Anne Grandjean, uma pessoa intersexo que viveu em 1765 e foi condenada por um juiz a usar um colar com os dizeres: “profanador do sacramento do matrimônio”. Tive contato com a sua história no livro *Os Anormais* de Michel Foucault:

Agora, em 1765, logo 150 anos depois, fim do século XVIII: caso quase idêntico. É caso de Anne Grandjean, que tinha sido batizada como menina. Mas, como devia dizer alguém que escreveu uma memória em seu favor. Certo instinto de prazer aproximou-a por volta dos catorze anos de suas companheiras. Inquieta com essa atração que sentia pelas meninas do mesmo sexo que ela, resolve vestir roupas de menino, muda de cidade, instala-se em Lyon, onde se casa com alguém que se chamava Françoise Lambert. E, denunciada, é levada a juízo. Exame do cirurgião, que conclui que ela é mulher e que, por conseguinte, se viveu com outra mulher, é condenável. Ela usou pois do sexo que não era dominante nela e é condenada pelos primeiros juízes ao colar, com o cartaz: ‘profanador do sacramento do matrimônio’. Colar, chibata e pelourinho. (FOUCAULT, 2001, p. 89).

A história de Anne de 1765 é a história de Dandara dos Santos, de Tertuliana Lustosa, de Bruno Novadvorski, de Ana Mogli Saura, de Renata Carvalho, de Maikon K., de



BixaPutá, de Profânia, de Laialex, de Bruna Kury, de Sue Gonçalves, de Jhonny Hooker, Dodi Leal, Sara Wagner York, Isadora Ravena, Bárbara Banida, Xan Marçall, Vi Grunvald, Lucas Navarro, Viviane Vergueiro, Gab Brasil, Meg Rayara, Amara Moira, Monique Prada e tantas e tantas zilhões de pessoas que ousaram “profanar” as instituições, as normas, os padrões. Tantas corpos que não aceitaram as cisheteronormatividades impostas e que reagiram, ainda que por isto tenham sido violentadas, mas reagiram e continuam a reagir, ou melhor, a insurgir-se. As histórias dessas pessoas são levantes.

E aqui faço uma pausa para contextualizar você que me lê sobre o que penso sobre a ideia de levante. Quando Linn da Quebrada e Gloria Groove cantam na música *Necomancia*:

Olha pra cara da mona, que fala das mana. Que trava batalha, puxando navalha. Na vala da rua, tomou bordoadas. Que ela não se cala, se vinga na vara. E não para, bumbum não para. Afeminada, bonita e folgada. Lugar de fala, ela que fala. Pegou verdade e jogou na sua cara (DA QUEBRADA; GROOVE, 2017)

é um levante³. Quando Bruna Kury enfia um dildo-faca no cu em performance realizada em 2017, no Festival Anormal, no México, é um levante⁴. Quando Pabllo Vittar aparece vestida com a camisa com as cores do Brasil no palco do show da Madonna, no Rio de Janeiro, para mais de 1,6 milhão de pessoas é um levante⁵. Quando Bruno Novadvorski tatua no cu a frase “a origem da arte” é um levante⁶. Quando realizamos um gesto que vá a contrapelo da normatividade, do preconceito, do tabu, do construído como o “certo”, é um levante.

Quando escolhi seguir meu caminho pelas artes das sexualidades, tinha total consciência de que o caminho não teria só flores, mas também pedras e paus, lâmpadas, falas e olhares, de amores, de afetos e desamores, de idas e vindas, mas sempre de passos, alguns para frente; outros, para trás, mas caminhando. Num constante processo de levante e por isto, pensar um levante pornossexualgráfico para o campo das poéticas visuais é essencial.

Pensar nossas poéticas visuais a partir de nossos desejos, das nossas sexualidades – pelas pulsões do prazer, não da morte – e torná-las reais, públicas, vivas, explícitas



é cutucar toda uma moral conservadora que teima em nos encaixotar, em querer determinar como devemos viver nossas vidas, como devemos ser, vestir, nos portar e com quem devemos trepar e é por isto que eu trepo. Trepo com 1, 2, 3, 13, 1000, com diferentes corpos, gêneros, existências. Este é o meu levante. A energia da sexualidade gerada por nossos seres, por nossas corpos em êxtase é energia para a resistência. É energia para a construção de poéticas artísticas. E não desistiremos, não cansaremos – “O levante é um gesto sem fim, incessantemente retomado, soberano como pode ser chamado soberano o próprio desejo ou essa pulsão, esse ‘impulso de liberdade’ (...) O campo dos levantes é potencialmente infinito” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 17).



Imagem 2. Chris, The Red. Para A.G. e mais. Ação performática, São Paulo/SP, 2022.
Registro: Bruno Novadvorski.



E infinitas são nossas lutas para que produções artísticas que atravessam a sexualidade não sejam massacradas pela mão julgadora e higienista do CIS-tema de arte. Assim, tenho junto com minhas práticas artísticas pensado sobre caminhos epistemológicos que possam contribuir neste gesto do levante. E se é um gesto, como afirma Huberman, é uma ação e se é uma ação pode ser tanto uma ação performática como também a construção de um pensamento.



Imagem 3. Chris, The Red. Para A.G. e mais. Ação performática, São Paulo/SP, 2022.
Registro: Bruno Novadvorski.

Neste artigo, quero, juntamente com a obra *Para A.G. e mais*, refletir sobre a ideia do levante para a construção de outros caminhos das artes das sexualidades. Em 2022, na minha dissertação do mestrado, escrevi nove pontos para pensar as artes das sexualidades. Poderia agora dizê-los Nove Pontos para um Levante Pornossexualigráfico. Nestes nove pontos, provooco pensamentos, reflexões para



como as práticas artísticas e a sexualidade precisam ser vivenciadas para longe da violência dicotômica erótica/pornográfica estabelecida pelo CIS-tema de arte. Estes novos pontos reúnem o que denominei de *Pornossexualigrafia* (2022).

Agora, durante o doutorado, quero aprofundar estes pontos e o próprio conceito de Pornossexualigrafia e neste artigo, trago uns primeiros esboços de aprofundamento de cada um destes pontos para, em seguida, traçar uma relação com a ação performática *Para A.G. e mais* (2022).

Ponto Um

As artes pornossexualigráficas: 1. não se dão pelo higiênico. Recusome a limpar o que quer que seja em minhas putarias artísticas para agradar mentes enclausuradas e estruturas de arte conservadoras. Não ignoro os modos como elas constroem, mas não as quero perpetuá-las. (DE SOUSA, 2022, p. 239)

Levantar-se contra um sistema é antes de tudo romper com suas estruturas para que suas construções de poder não se perpetuem. Como mudar algo perpetuando suas normas de poder e violência? Como discutir sobre arte e sexualidade colocando um véu sublime sobre o nosso desejo ou esconder com a folha de parreira o que é corporalmente parte de nossas existências? Não quero só a metáfora, o não-dito, o que dar a entender. Quero também o explícito, o dito “vulgar”. Quero transitar entre possibilidades sem a mão julgadora do erótico ou do pornográfico.

Ponto Dois

2. são saberes corporificados de nossos desejos íntimos tornados explícitos e vice-versa ou versa-versa ou versa-vice-versa ou qualquer outra possibilidade de manifestação em nossos processos artísticos da sexualidade. O íntimo é o olhar para si e o levante é explícito, mas nada é hierárquico. “As insurreições caracterizam-se, antes, por movimentos horizontais precários, porque escapam a uma ontologização da liberdade de ‘ser’” (INOCÊNCIO & CAMPOS, 2020, p. 13). (DE SOUSA, 2022, p. 239)

E aqui, quero destacar uma palavra-chave para se pensar o levante pornossexualigráfico: desejo. E sobre isto, me recordo do que escreve Gilles Deleuze, no texto *Psicanálise Morta Análise*, publicado no livro *Diálogos* (1998) de que o desejo, ou melhor, a sua eclosão só pode acontecer quando questiona as estruturas



estabelecidas (DELEUZE, 1998). De forma que o levante pornossexualigráfico é uma relação direta com nossos desejos, com nossas conexões não apenas consigo, mas com uma rede de possibilidades que fazem eclodir possibilidades de mudanças. Assim, pensar o levante é olhar para si e naquilo que nos conecta e trazê-lo à tona, para o visível, não como uma relação de poder de nosso desejo sobre o desejo-outro, mas das costuras que podem ser feitas entre eles, pois o desejo, como afirma Deleuze, é revolucionário.

Ponto Três

3. não desejam ser cooptadas pelas estruturas ou cooptar categorias sociais do CIS-tema sobre as artes das sexualidades. A pornossexualigrafia as destitui e o poder que elas exercem sobre nossas grafias e saberes. (DE SOUSA, 2022, p. 239)

E se o levante é desejo e o desejo só acontece quando questiona o estabelecido como afirma Deleuze, o guia classificatório erótico-pornográfico não nos serve mais. As classificações 18+ não produzem inclusões, mas violências contra nossas corpos, identidades e poéticas artísticas que não devem ser rotuladas, proibidas, mas livres para que nossas grafias sejam recebidas, questionadas, repensadas num fluxo constante de construções epistemológicas.

Ponto Quatro

4. não são mais uma busca pela construção de uma história única ou definição consolidada de algo, mas um convite a um constante exercício de reflexão, inclusive, das relações das artes da sexualidade com a política, pois “disso decorrem não apenas corpos em combate, mas ideias e discursos que se lançam como mísseis” e que “coloca todos os lugares em metamorfose, produzindo conexões completamente inesperadas e em movimento” (INOCÊNCIO & CAMPOS, 2020, p. 15). (DE SOUSA, 2022, p. 239-240)

Elas são um convite a um constante exercício de reflexão, inclusive, das relações das artes da sexualidade com a política. O levante pornossexualigráfico não é pelo encaixotamento em novas normas estruturantes rígidas, duais ou mínimas. Não somos mínimos, não somos duais. Somos diversos, divergentes, dissidentes, fluidos. Somos muitas camadas e as artes pornossexualigráficas também o são. É um convite a uma conexão com o que nos diz a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, no livro *O Perigo de uma História Única* (2019) sobre o quão é perigoso pensarmos a



história de um ponto de visto de unicidade e as relações desta visão única com as relações de poder: “assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*⁷: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder” (ADICHIE, 2019, s/p). Assim, pensar a partir da pornossexualigrafia é transitar por expressões artísticas que contam histórias a partir de diferentes percepções, vivências, não sob uma relação de poder, no qual é contada de um único ponto de vista como este fosse absoluto e definitivo, mas da fluidez e diversidade intrínsecas às nossas histórias.



Imagem 4. Chris, The Red. Para A.G. e mais. Ação performática, São Paulo/SP, 2022.
Registro: Bruno Novadvorski.

Ponto Cinco

5. não travam o combate apenas por meio das estruturas institucionalizadas (universidades, museus, galerias, curadorias, bienais, associações...), mas também pelas existências singulares de



cada pessoa. O prazer nosso de cada dia é combustível para as pornossexualigrafias. (DE SOUSA, 2022, p. 240)

Os espaços ditos legitimados de arte, os cubos brancos, os museus consolidados não podem mais ser os espaços determinantes das narrativas. As ocupações, os espaços *underground*, as *ballrooms*, as ruas, os becos, os coletivos, as periferias são espaços tão legítimos quanto os ditados pelo CIS-tema de arte. O prazer nosso de cada dia é combustível para o levante e está em todos estes espaços.

Ponto Seis

6. não esperam que as normas e instituições lhe dêem consentimento para agir, criar ou ser. “Os modos de vida gays, lésbicos, transexuais, travestis, intersexo, queer, dissidentes... lutam por aquilo que falta – nos sistemas de saúde, de educação, da política partidária – mas, também, por aquilo que transbordam.” (INOCÊNCIO & CAMPOS, 2020, p. 16). As artes pornossexualigráficas lutam por aquilo que falta nos CIS-temas de arte. Lutam pelos prazeres proibidos, silenciados, higienizados, pelos gozos interrompidos. (DE SOUSA, 2022, p. 240)

Não são mais as normas hegemônicas que nos determinam. O levante pornossexualigráfico não espera permissões, é a própria permissão; e, mais uma vez indo contra o que Didi-Huberman (2017) escreve sobre onde reina a obscuridade não termos mais o que esperar a não ser obedecer ao obscurantismo, a tal pulsão de morte, a morte do desejo, afirmamos que onde reina o conservadorismo não podemos nos dar ao luxo de achar que não há mais o que esperar, pois as corpos dissidentes das normas já sabem que não podem esperar nada, pois se assim fizeram não chegarão a algum lugar, pois os espaços já lhe foram tomados, então, onde reina o conservadorismo, o que temos é a luta e isto se chama pulsão de vida, pois a de morte já nos foi decretada no exato momento que rompemos com as normatividades e nossa pulsão de vida é nossos desejos que nos guiam na busca pelo que está ausente. O levante pornossexualigráfico é a luta pela presença, pelo gozo, é a resistência para existirmos em e rompermos com um CIS-tema de arte que insiste em proibir, silenciar, higienizar nossas pulsões de vida.

Ponto Sete

7. não são apenas resistências às estruturas engessadas. São fugas a contrapelo em busca de outros olhares, para si, para nossos desejos, para as nossas conexões e para a livre prática de uma arte



da sexualidade desobediente às normas erotizantes. (DE SOUSA, 2022, p. 240)

Se tentam dizer que é erótico, dizemos que não. Se tentam encaixotar no cubo do pornográfico, contrariamos, pois esses gessos não nos cabem. Somos eróticos e somos pornográficos e somos mais que esta dualidade. Até mesmo porque a única coisa que difere pornografia de erótico é a grafia, no entanto, esta discussão não cabe aqui e sugiro a leitura do meu artigo publicado na revista REBEH⁸.



Imagem 5. Chris, The Red. Para A.G. e mais. Ação performática, São Paulo/SP, 2022.
Registro: Bruno Novadvorski.

Ponto Oito

8. são odes à alegria, às pluralidades sexuais, às bixas trans pretas travestis sapas, às rabas rebolantes, às lacrações. (DE SOUSA, 2022, p. 240)



O levante pornossexualigráfico é, antes de tudo, uma festa, uma grande suruba de identidade e saberes. Não existiria um levante pornossexualigráfico sem o riso, a gargalhada, a euforia, o fio dental roçando o cu na avenida. O levante é uma grande festa da profanação, que tira do hegemônico e subverte o determinado, tirando o “sagrado” do CIS-tema de arte e sujando as paredes dos cubos brancos.

Ponto Nove

9. transitam pela sexualidade, nudez, pornografia, pós-pornografia, dissidência, pelo implícito, pelo explícito, pelo erotismo, simplesmente são o que são, nem menos ou mais legítimas, mas resultados de processos criativos e artísticos, de pensamentos e reflexões de artistas sobre tais temáticas. São grafias de um desejo artístico. (DE SOUSA, 2022, p. 240)

No entanto, tenha em mente, nada disso é individual. Tudo isto vem de conexões. “eu não fodo sozinho”⁹. Nossos levantes “nascem na cama, na festa, na suruba, em qualquer lugar onde minha corpa desnuda e em tesão se encontra a corpas plurais desnudas, livres, orgásticas, consentidas” (DE SOUSA, 2022, p. 27) ou, como afirma Judith Butler, “O levante não é algo individual. (...) No levante, é com outros corpos que um corpo participa” (BUTLER, 2017, p. 23-24).

A ação do levante é plural, e seu acontecimento, coletivo. Todo o coletivo se constitui de indivíduos e do levante de uma quantidade de singularidades, mas o coletivo ‘verdadeiro’ está na passagem que transforma o peso e a ‘insustentabilidade’ da vida na decisão do levantar, no esforço e na alegria desse ato. O levante é sempre uma aventura coletiva, uma palavra que não existe individualizada (NEGRI, 2017, p. 39).

Aquilo que Deleuze escreveu – e já mencionei anteriormente – sobre o desejo ser conexões. Então, meu levante pornossexualigráfico é também de todas as pessoas que se conectaram neste processo de profanar o CIS-tema de arte¹⁰, que estão envolvidas nas duas palavras do título da ação performática “e mais” e, antes de continuar, quero trazer algumas palavras sobre a construção de *Para A.G. e mais* (2022).

Quando li *Os Anormais* (2001), de Michel Foucault, especialmente, o trecho que traz a história de Anne Grandjean, minha mente ficou como estancada naquelas páginas, imaginando Anne com um cartaz pendurado em seu pescoço com as acusações de



“profanador do sacramento do matrimônio” (FOUCAULT, 2001, p. 89), andando pelas ruas com os olhares voltados para sua pessoa como se sem roupa estivesse entre os transeuntes. Fechava meus olhos e minha mente me levava para aquele momento, tentando imaginar o que poderia passar por sua cabeça. Será que entendia o que aquelas palavras escritas poderiam significar? O que de fato ela havia profanado? O sagrado marital ou as moralidades sociais? Ambos? Será que entendia as nuances do seu corpo intersexo? Ou a relação da sua intersexualidade com as suas relações afetivas? Teria sentido o olhar julgador das pessoas? Será que houve algum tipo de afeto de uma pessoa que cruzou seu caminho? Teria chorado? Sorrido? Enfrentado?



Imagem 6. Chris, The Red. Para A.G. e mais. Ação performática, São Paulo/SP, 2022.
Registro: Bruno Novadvorski.

Eu não tenho resposta a tais perguntas. Elas ficaram naquele momento e na memória de Anne, mas ainda assim, perdura em minha memória desde o primeiro momento



que conheci sua história a dor que tal ato pode ter lhe causado e me questionava: é possível ressignificar o que acontecera a Anne? Ou pelo menos dizer a Anne: “não nos conhecemos, mas sua história não me é estranha. Já a vi e a vivi de tantas outras formas nos cartazes invisíveis impostos a tantas pessoas que ousaram “profanar” as normatividades, o dito “correto”. Então, deixe-me eu carregar este cartaz também. E assim, a ação performática tornava-se um esboço em minha mente. Em algumas semanas, aconteceria a Parada do Orgulho de São Paulo, considerada a maior do mundo. Os olhares estariam voltados para aquela avenida e era ali, o cenário que me cabia para ressignificar – ou pelo menos provocar – o que acontecera a Anne que era uma pessoa intersexo a quem não foi dado o direito de escolher sobre si. Silenciando Anne, decidiram que era mulher, mas será que Anne se via como mulher? Será que o pronome feminino era o escolhido por Anne? Ou seria o masculino ou até mesmo o neutro? Quando artistas se colocam enquanto dissidentes, o que estão profanando? A sociedade? As convenções? Os ditames da arte? Imagino que Anne não estava desnuda quando transitava com o cartaz, no entanto, idealizo que talvez a sensação que sentia era de estar em um estado de desnudo ao transitar com o peso daquele cartaz no pescoço, como se todas as roupas lhe houvessem sido arrancadas. Acho que é esta a sensação que muitas pessoas sentem quando são colocadas em uma situação como esta, de serem desnudadas sem consentimento pelos olhares julgadores.

Assim, no dia 19 de junho de 2022, me coloco vestido com uma mini tanga fio dental – o suficiente para não ser preso por atentado ao pudor – e vermelha. Afinal, esta é a minha cor. Algumas pessoas diriam que é uma cor comunista (mas quem diz isto não faz ideia do que seja comunismo, mas isto é outra história), eu diria que é a cor do desejo, da resistência, do meu levante. Então, com minha tanguinha socada no cu, em um dia frio de São Paulo, me coloco no meio daquelas pessoas, de seus olhares, mas não os sinto julgadores, pareciam mais estar vivendo aquele momento junto comigo e sinto que se perguntavam o que as frases que liam nos cartazes que levantava queriam dizer no meio da parada e um detalhe importante, fiz questão que os registros fossem feitos tendo o *Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand* (MASP) ao fundo, um dos principais museus de São Paulo e do CIS-tema de arte.



Sobre os cartazes, optei por escrever o termo “profanador” em três formas diferentes: profanadore, profanadora e profanador (Imagem 7) pensando diretamente em Anne: qual seria o pronome que escolheria para si? Lhe designaram como mulher, mas seria esta sua escolha? E como artista realizando uma pesquisa de análise crítica ao Sistema de arte, escrevo no cartaz justamente aquilo que eu desejava “profanar”: as próprias normativas do sistema do qual faço parte, como pesquisador, artista e como cidadão. E claro, que impresso na minha cor favorita.



Imagem 7. Foto da exposição *VERMELHO[-RED] acessos, excessos e putarias artísticas transbordantes* com os cartazes utilizados na ação performática *Para A.G. e mais*, de Chris, The Red. Porto Alegre/RS, 2022. Registro: Chris, The Red.

Assim, realizar a ação *Para A.G. e mais* no meio da parada do orgulho é mais do que a simples construção de uma poética visual artística, é gravar em nossas corpos, nossas energias, trocas de desejos de mudanças, de luta, de desequilibrar o *status-quo* e romper com as estruturas de violências. São nossas histórias como levantes (a história de Anne como levante). E elas estão gravadas em nossas corpos, como bem escreve Leda Maria Martins, no livro *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela* (2021).



Leda pensa a partir das e nas artes negras, mas penso que suas reflexões também podem ser acionadas aqui no sentido de como também grafamos nos nossos corpos, nas nossas corpos os nossos saberes

Grafar o saber era, sim, sinônimo de uma experiência corporificada, de um saber encorpado, que encontrava nesse corpo em performance seu lugar e ambiente de inscrição. Dançava-se a palavra, cantava-se o gesto, em todo movimento ressoava uma coreografia da voz, uma partitura da dicção, uma pigmentação grafitada da pele, uma sonoridade de cores. (MARTINS, 2021, p. 36).

Grafar novas vias para as artes das sexualidades é resultado de vivências e histórias marcadas pelas (e nas) muitas outras corpos que gestam saberes, provocam reflexões para além das canonizadas. Para essas novas grafias acontecerem, é preciso deixar de lado os saberes já legitimados através dos tempos, saberes esses que se tornaram figurinhas tarimbadas nos espaços acadêmicos e que perpetuam os aspectos colonizadores e as tradições conservadoras e mantém os discursos sempre nas mesmas bolhas das epistemologias e das corporeidades. [– “o levante transforma as consciências e, nesse movimento, as constitui sobre novas formas” (NEGRI, 2017, p. 42) –]. Botas antigas nem sempre comportam novos pés e construções teóricas antigas nem sempre comportam novas danças e performances das nossas sexualidades nas artes.

E se Antonio Negri afirma que o levante produz performances outras como um contra-poder e esquematiza: *diferença = resistência = levante* e nos pergunta se esta diferença pode ser um sorriso? (NEGRI, 2017). Eu respondo: esta diferença também pode ser um gozo e quando se trata de refletir sobre as artes das sexualidades dentro de um CIS-tema de arte opressor e conservador, o gozo livre e consentido É A GRANDE DIFERENÇA. O GRANDE LEVANTE PORNOSSEXUALIGRÁFICO.

E tudo isto não é nem o começo, pois enquanto ainda nos depararmos com violências como “Comissão da Câmara aprova projeto de lei que proíbe casamento homoafetivo”¹¹ ou “Johnny Hooker tem show cancelado por prefeito de Boa Vista após ter dito que Jesus é ‘travesti’”¹² ou “Nikolas Ferreira ironiza pessoas trans no Dia da Mulher”¹³ ou “Mulher supostamente mantida em trabalho análogo à escravidão em SC volta a morar na casa de desembargador após decisão do STF e STJ”¹⁴,



continuaremos com nossas corpos desnudas a resistir, a lutar contra o conservadorismo, contra o preconceito, pois para esta gente careta e covarde não pedirei piedade, mas que sejam punidas, exterminadas. E a todas as corpos dissidentes, vamos continuar nossos levantes e a vocês, cantarei: “Cariño, eu fui ao samba te ver, queria olhar pra você. Ver como tá... quero te ver gozar” (JALOO, 2023)¹⁵.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BUTLER, Judith. **Levante**. In. Levantes. / Organização de Georges Didi-Huberman; Tradução de Jorge Bastos; Edgard de Assis Carvalho; Mariza p. Bosco; Eric R. R. Heneault – São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

DA QUEBRADA, Linn; GROOVE Gloria. **Necomancia**. In: Pajubá, Linn da Quebrada, 2017.

DE SOUSA, Christian Gustavo. **Retratos Pornossexualigráficos: as histórias contadas pelas sujeitas de [r]e[s]istências no romper anti-higiênico com o CIS-tema de arte /** Christian Gustavo de Sousa. 2022. 314 f. Dissertação (mestrado) Orientadora: Mônica Zielinsky. Coorientador: Leandro Colling. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em <https://bit.ly/CTRDissertacaoMestrado>. Acesso em 23 de abril de 2024.

DELEUZE, Gilles. **Psicanálise Morta Análise**. In. DELEUZE, G.; PARNET, C. (Org.). Diálogos. São Paulo: Escuta. 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Levantes**. In. Levantes / Organização de Georges Didi-Huberman; Tradução de Jorge Bastos; Edgard de Assis Carvalho; Mariza p. Bosco; Eric R. R. Heneault – São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975) I** Michel Foucault: Tradução Eduardo Brandão - São Paulo: Martins Fontes, 2001.

INOCÊNCIO, Adalberto Ferdnando & CAMPOS, Jefferson. **Gêneros e práticas de subjetivação: sujeições, insurreições e estéticas da existência**. Adalberto Ferdnando Inocêncio & Jefferson Campos (orgs.) – 1.ed. - Curitiba: Brazil Publishing, 2020. [recurso eletrônico].

JALOO. **Quero te ver gozar**. In: Mau, Elemess, 2023.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.



NEGRI, Antonio. **O Acontecimento “Levante”**. In. Levantes / Organização de Georges Didi-Huberman; Tradução de Jorge Bastos; Edgard de Assis Carvalho; Mariza p. Bosco; Eric R. R. Heneault – São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017.

Notas

¹ Doutorando em Artes no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes UERJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro RJ, Brasil. E-mail: christian@christiansousa.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3647-6986>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6650904413144690>.

² Disponível em <https://bit.ly/CTParaAGemais>. Acesso em 23 de abril de 2024.

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VD9jLPLpR4>. Acesso em 15 de junho de 2024.

⁴ Disponível em <https://brunakury.weebly.com/videos.html>. Acesso em 15 de junho de 2024.

⁵ Disponível em https://www.instagram.com/reel/C6kmk9CO-uM/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFiZA==. Acesso em 15 de junho de 2024.

⁶ Disponível em <http://brunonovadvorski.com.br/index.php/portofolio/performance/47-a-origem-da-arte>. Acesso em 15 de junho de 2024.

⁷ *Nkali*: “É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer ‘ser maior do que outro’” (ADICHIE, 2019, s/p).

⁸ Artigo *A única coisa que difere pornografia de erótico é a grafia. E claro, a nossa opinião. Alguns apontamentos para as artes das sexualidades*. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/16063>. Acesso em 15 de junho de 2024.

⁹ Ver Manifesto-Resumido. Disponível em <https://bit.ly/CTRManifestoResumido>. Acesso em 23 de abril de 2024.

¹⁰ Meu levante pornossexualigráfico é também o de zulmirene sousa, ana caroline, bruno novadvorski, billy (in memorian), mônica zielinsky, leandro colling, pc, marilice corona, alexandre santos, sue gonçalves, cláudio honorato, rainnery queercore, max uranio, vi grunvald, paula sandrine, vitor queiroz, bruna kury, johnnybigu, abhiyana, hugo faz, carmen faustino, ferdnando inocência, isadora ravena, jéferson alves, jefferson campos, rafael leopoldo, sara wagner york, naiara laila, julio leão, duocu, dr. red, teatro da pombagira, bixaputa, profania, sadan, lufer, dita absinthe, gab brasil, alex, edu, felipe, alan, paulo, dogo de la mancha, xerxes, charles, chaos, glauco, mauro, beto, junior, daniel, brbottom, elton panamby, rose rocha, nucus, entretons, juvenália, filipe chagas, beto c, wagner ferraz, paola verdun, paola zordan, alberto pessoa, afonso medeiros, cristiano sousa, madonna, lula, antonio luiz (in memorian), aldo victorio, marco antonio, leo, paulo, pedro, peter, k, victor rios, ed, pedro, paulo, ronald, felipe, edu, ian, pablo, paulo, pedro, vinny chaser, maurício, emilio. Todas estas pessoas citadas participaram de alguma forma da minha jornada-mestrado ou estão participando agora da minha jornada-doutorado.

¹¹ Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/comissao-da-camara-aprova-projeto-de-lei-que-proibe-casamento-homoafetivo/>. Acesso em 23 de abril de 2024.

¹² Disponível em <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/09/25/prefeito-cancela-show-de-artista-em-festival-apos-repercussao-negativa-de-video-nas-redes-sociais-em-boavista.ghtml>. Acesso em 23 de abril de 2024.

¹³ Disponível em <https://www.poder360.com.br/congresso/nikolas-ferreira-faz-discurso-transfobico-no-dia-da-mulher/>. Acesso em 23 de abril de 2024.

¹⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/09/10/mulher-supostamente-mantida-em-trabalho-analogo-a-escravidao-em-sc-volta-a-morar-na-casa-de-desembargador-apos-decisao-do-stf-e-stj.ghtml>. Acesso em 23 de abril de 2024.

¹⁵ Trecho da letra da música *Quero te ver gozar*, do álbum *MAU*, de Jaloo, lançado em 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NmUS7QOzXgY>. Acesso em 18 de junho de 2024.